

# JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*

MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Diretora*

VICTORIO BHERRING CABRAL — *Superintendente Geral*

MARCOS SÁ CORRÉA — *Editor*

FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Executivo*

ROBERTO POMPEU DE TOLEDO — *Editor Executivo*

*Bon. Brasil*

## Preços Loucos

**A** margem dos boatos inverossímeis sobre troca de figuras no comando oficial, os agentes econômicos demonstraram mais senso de responsabilidade do que os autores da versão que não conseguiu gerar a consequência pretendida. Os sensíveis indicadores do mercado financeiro mostraram que a sociedade está vacinada contra boatos e manobras que não têm compromisso com a clareza de propósitos. O mercado futuro de BTN, que projeta a inflação esperada para agosto, acreditava terça-feira numa taxa inferior a 30% (29,79%) e reajustou ontem as expectativas para 30,27%.

Trata-se de ajuste técnico natural, em função da ligeira alta nas taxas do *overnight* e do BTN fiscal (que indica a própria expectativa governamental de inflação para efeito de tributação diária das operações financeiras), estacionado ontem em 27,52%. Ou seja, o mercado não está muito longe das projeções do governo, tradicionalmente subestimadas até o dia 10 ou 11 de cada mês, quando a Fundação IBGE divulga a primeira prévia tri-semanal da inflação, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor (IPC) no Rio e em São Paulo.

A economia tem os seus canais próprios de expectativas. Muitas vezes ela percebe a tempo as manobras e boatos para desestabilizar as regras do jogo. O setor privado responsável sabe que na atual conjuntura não há mais tempo para planos mirabolantes visando a repor a economia nos trilhos. O combate definitivo à inflação e ao déficit público e uma renegociação favorável da dívida externa só serão possíveis no novo governo, respaldado pelo voto da maioria dos eleitores.

No momento, o que de melhor se pode fazer é a utilização dos instrumentos tradicionais de política monetária, para evitar a perda de confiança na moe-

da, que costuma ser o caminho mais curto para a hiperinflação. Desde o fim do Plano Verão o governo acionou todas as armas do arsenal ortodoxo no campo monetário e fiscal. Além da recuperação fiscal, a partir da indexação diária dos tributos, cresceram os adiantamentos de contrato de câmbio e as exportações, devido à política monetária de juros reais para inibir especulação com estoques.

A queda vertiginosa do ágio do dólar no mercado paralelo, para a faixa de 60%, depois de atingir os 200% há dois meses, é uma prova de que a volta da ortodoxia monetária e fiscal mudou para melhor as expectativas. A evolução favorável da situação argentina, depois da posse do governo Menem, ajudou muito na queda do paralelo. Mas é inegável que prevaleceu a racionalidade das leis do mercado, pelo princípio da oferta e da procura, e quem apostou na hiperinflação começo a colher prejuízos.

As lojas de roupas e as boutiques, que sempre passaram ao largo do controle de preços, foram as primeiras a acusar a queda do mercado: os preços chegaram a cair até 50%, diante da retração dos consumidores. As indústrias de alimentação aumentaram em até 400% seus preços e devem ter também uma resposta do mercado, no encalhe dos produtos nas fábricas ou nas prateleiras dos supermercados.

O combate à inflação, aos boatos e aos abusos de reajustes, de preços que levam à hiperinflação por parte dos que pretendem tirar proveito antecipado de situações de pânico, é bandeira de toda a sociedade. Não basta apenas o Ministério da Fazenda punir empresários que reajustam preços sem qualquer realidade com os custos. É preciso que o comércio e os consumidores resistam ao abuso destes preços esquizofrênicos.